

AVENÇA

REGENERAÇÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário — Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiriense — Figueirô dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:**Doutor Manuel Simões Barreiros****Propriedade de João António Semedo****Administração: Tipografia Figueiriense****FIGUEIRO DOS VINHOS**

O exemplo dos estudantes chineses

Por mais que forcem a imaginação, os estudantes da América ou da Europa, não podem fazer idéia da vida espartana que milhares de jovens chineses levam actualmente nas universidades de refugiados da China. Os relatos impressos e as fotografias de pouco servem àqueles que pretendem visionar a vida dos estudantes.

Várias destas universidades de refugiados estão no Noroeste onde o inverno é duro e a alimentação escassa; onde os estudantes habitam em cavernas talhadas nas colinas. É preciso atingir Kunming para ver a Universidade Nacional Associada do Sudueste, onde 3.000 estudantes, rapazes e raparigas, estão prosseguindo nos seus trabalhos académicos a despeito de grandes privações materiais.

Recolhem-se em dormitórios feitos de terra e gesso construídos em filas, como casernas. Em cada sala, há vinte camas duplas. Entre cada duas camas há uma comprida mesa sem gavetas e quatro estudantes partilham os topo para colocação dos seus livros e papéis.

A ventilação é "excelente" nestas salas, pois têm janelas mas sem vidros. A direcção escolar fornece, em teoria, papel branco para fazer as vezes de vidraças, mas na falta de papel branco os estudantes usam jornais velhos ou papeis de embrulhos.

O facto mais saliente sobre os estudantes é a sua pobresa. Na sua grande maioria vêm de lugares actualmente sob o domínio japonês e deste modo as fontes dos seus recursos financeiros foram lhes cortadas. Pelo menos um terço dos estudantes têm de requerer "emprestimos" da universidade para pagar a sua alimentação. Muitos pedem-nos para fato de inverno. Confia-se em que os estudantes paguem estes "emprestimos".

Até há pouco cada um desses empréstimos subia até 10 dólares chineses, o que segundo o cambio actual é menos do que um dólar americano, mal chegando para pagar a alimentação. Em resultado da subida dos preços dos géneros, as despesas de alimentação por estudante subiram a tal nível que muitos têm de suprimir refeições e ir para as aulas ou laboratórios com fome.

Transcritor por "Pensamento" da revista "China at War"

NOVAFASE

O papel da imprensa regional tem sido ultimamente muito discutido. Há quem lhe queira atribuir apenas uma acção regionalista e quem pense em alargar-lhe os âmbitos, fazendo a interessar ao mesmo tempo por aquilo que se passa no resto do mundo; uns só a admitem como meio para os seus manejos políticos, enquanto que muitos a querem tornar num dos factores mais potentes para a educação do povo. E em quem qualquer destes casos são várias as premissas a considerar, pois também aqui surge o preceito dialético que diz que todo o facto tem o seu contrário. Enquanto que fazer regionalismo, por exemplo, é para alguns espalhar pelos quatro ventos as belezas e realizações da terra onde vivem e que é sua ou adoptaram, para outros não só é isto como apontar-lhe as deficiências, para que elas sejam remedadas. Tanto num como no outro é isso, desde que se vejam as coisas com senso e honestidade, se pode trabalhar com proveito para o engrandecimento do concelho, da freguesia, do lugar. Dizer por exemplo, que a freguesia de tal está unida com a sede do concelho por uma estrada acabada de construir — é ser bom regionalista. Mas também não devemos considerar menos bairrista quem demonstrar, conscientemente e sem sentido reservado, que no lugar A, é preciso fazer uma estrada que o ligue com a freguesia B, que a ponte sobre a ribeira C, tem urgência em ser reparada, — toda aquela série de reclamações a que é hábito chamar as "justas aspirações", do concelho, da freguesia, do lugar.

Porém, em grande número dos jornais da província ainda se pensa que fazer regionalismo é anunciar que o sr. Fulano & C., "concebido comerciante da nossa praça", fez anos, ou que chegaram bem da Capital os estudiosos filhos dos srs. Tal e Tal. Há um crime? Certos jornais da província metem logo o assunto na primeira página, com grande soma de pormenores. Morreu alguém? Outros jornais levam a sua paciência a noticiar o nome das diversas pessoas que fizeram os turnos, e até a inserir os disticos das coroas oferecidas. Não queremos dizer com isto que essas notícias não tenham lugar dentro do bom regionalismo. Têm-no, mas numa secção especial ocupando uma coluna modesta. Porque, em primeiro lugar, não está a chegada deste ou daquele senhor, mas sim os assuntos que interessem não só a esses como também à quasi totalidade dos leitores.

Eis um ponto assente: à frente de todo o bom jornalismo regionalista está o interesse da maioria dos leitores. E é com este interesse que em vários jornais se tem especulado, deturpando-o, submetendo-o a causas que nada têm que ver com ele. Por outro lado, o desejo de ver publicado assuntos referentes a isto ou aquilo varia com cada um dos leitores. Não é possível considerar, por exemplo, únicamente o interesse agrícola ou educativo, — que são basilares, mas não se deve limitar o jornal apenas a agrícola ou pedagógico. Deve fazer-se mais: englobar na medida do possível as necessidades da região e dos leitores, empregando todo o esforço e toda a atenção para interessar o leitor culto e educado ignorante, — fazendo-o sentir e conhecer a vida, tornar-se humano nas relações com os seus semelhantes, deixar de sentir isolado para se considerar membro consciente da grande família que é a Humanidade.

Consciente do caminho percorrido e perante a necessidade de intervir activamente nos interesses gerais, e em especial nos da Comarca de Figueirô dos Vinhos, "A Regeneração" vai mod ficar um pouco a sua orientação.

O momento que o mundo atravessa é de molde a termos um retrocesso mais ou menos pronunciado na marcha evolutiva do progresso. Uma das maneiras de o evitarmos é opor-nos com todas as nossas forças a tudo o que represente ignorância ou superstição, as duas manifestações de inferioridade muito vulgares entre nós. Portanto, daremos no futuro ao nosso jornal uma feição dupla: — regionalista e cultural. Cremos assim satisfazer com maior ampliação os interesses dos nossos leitores.

J. T.

O NOSSO ANIVERSARIO

No passado dia 16 de Julho a passagem deste aniversário coincide com uma nova fase de orientação. No nosso 16.º ano de publicação, entrou sári com um número especial — um número que fosse artigo de fundo sintetizamos todos os fiqueirienses numa síntese de todas as nossas actividades, uma referência que queremos fazer, tudo o que queremos fazer, desenvolvida pelo seu diretor, dr. Manuel Simões Barreiros. Porém, nós, os que orientamos o público — eis tudo o que reiros e pelos seus colaboradores e dirigimos "A Regeneração" temos a nossa vida. Ao entrar no seu 16.º aniversário em prol do engrandeçimento e expansão de Figueirô dos Vinhos, "A Regeneração" sauda todos os seus colaboradores, amigos. Era nossa intenção festejar organizarmos. O nosso novo sinante.

Escola Secundária

Já regressaram de Coimbra, onde fizeram exame de 1.º e 2.º ciclo do Curso Geral dos Liceus, os alunos da Escola Secundária da Câmara Municipal, da direcção do ilustre professor sr. dr. Sérgio dos Reis.

Todos os alunos desta escola ficaram aprovados e alguns com boa classificação.

Os alunos de admissão aos Liceus também obtiveram bons resultados. Felicitamos o sr. dr. Sérgio pelo resultado obtido, assim como alunos e suas respectivas famílias.

Feira de S. Pantaleão

Com extraordinária concorrência realizou-se a tradicional feira de S. Pantaleão, nos dias 26, 27 e 28 de Julho próximo passado.

Pleno Verão

Chegou a época do calor. As pessoas das Cidades procuram a província, ávidos de melhores ares e mais frescura.

Em Figueirô já se nota, à maneira dos anos anteriores, que as pessoas e as poucas casas que há estão cheias.

Pena sentimos nós, que os fiqueirienses não procurem resolver entre tantos outros o problema das pessoas e casas, pois era uma fonte de receita que muito havia de contribuir para o prosseguimento de progresso desta terra.

Repovoamento de ilhas

A pedido da Câmara, foi feito o repovoamento de ilhas na Ribeira de Alge, onde foram colocados muitos milhares.

Por esse motivo o Governo da Nação proibiu a pesca na Ribeira de Alge e seus afluentes, durante dois anos.

Noutro lugar publicamos o edital a que se refere esta proibição e para ele chamamos a atenção do público, pois as sanções são graves e não têm remissão.

As "ilhas"

Nos trabalhos de inquérito, preliminares às organizações do plano de urbanização da cidade, iniciados há tempos pela C. M. P. verificou-se que há no Pôrto cerca de 8 mil casas de ilhas completamente insulubres, sem possibilidades de melhoramentos, outras tantas que, beneficiadas, passarão a ser habitáveis, sendo as restantes habitáveis desde já.

"Há ilhas tremendas, no próprio coração da cidade, ilhas donde se sai todo o enlameado, em dias de chuva; e vive lá gente, é incrível, mas vive!" afirmou um dos engenheiros encarregados dos serviços de urbanização.

"A ilha é uma casa detestável, cujo rendimento é enorme, porque os inquilinos pagam mais do que ela vale", declarou o mesmo engenheiro. (Fernando Novais)

Portugal e Brasil

Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra...

Uma das consequências mais perniciosas dos maus políticos em Portugal foi, sem dúvida, o esfriamento das relações de amizade entre Portugal e Brasil.

A parte a viagem dos nossos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, pouco ou nada se fez para estreitar os dois povos irmãos.

O comércio e o intercâmbio intelectual quase que apagaram.

Os emigrados, gente modesta e simples, eram os únicos que nos recordavam a existência do Brasil para onde iam em busca de trabalho e da aventura.

A lembrança de que lá se fala a mesma língua atrai os mais do que o ouro.

Mas o Estado Novo, que tudo vai renovando, não descurou tão magno problema.

Intensificou as relações comerciais, regulou a entrada de portugueses que demandam as Terras de Santa Cruz; estabeleceu bases para a permuta de obras literárias e de literatura.

A Exposição do Mundo Português corou este intenso trabalho de aproximação.

Foi o Brasil convidado a tomar parte nas Festas dos Centenários.

Não é um hóspede que temos em nossa casa; é um irmão partícipe das mesmas glórias e do mesmo sangue.

Caiu bem na alma brasileira o convite.

Nas pessoas dos seus ilustres representantes Portugal sauda o Brasil. Todas as manifestações de apreço e amizade, com que os distinguimos, atingem o Brasil inteiro.

Pena é que as circunstâncias não permitem que maior número de brasileiros nos visitem.

Contudo já está alguma coisa fixa de sólido que há-de produzir os frutos de uma maior aproximação que é natural entre povos irmãos, e de interesse para ambos.

J. M.

Exposição de Leiria

O sr. Tenente Carlos Rodrigues, presidente da Comissão Local da Exposição de Leiria, informa-nos que o nosso pavilhão deve ser inaugurado no princípio da próxima semana, provavelmente na terça-feira.

O nosso amigo e sr. Tenente Carlos Rodrigues, que tem sido incansável na organização da nossa representação, tem já tudo a postos de forma que o nosso pavilhão mostre bem o que somos sob o ponto de vista comercial, agrícola, industrial e turístico.

No dia da inauguração, além da Comissão, outros valores deslocar-se-ão a Leiria.

Tenente Valadão

A passar o verão com sua ex-má-familia, partiu para a Figueira da Foz o sr. tenente João Ambrosiano Valadão, nosso estimado amigo.

(De Ourique a Guimarães, às crianças do concelho e do Império)

A actual igreja matriz, com 3 naves, foi fundada por Teodoro Sequeira e Sá, em 1732.

A Misericórdia foi fundada no tempo dos Filipes, em 1620.

Teve um bom castelo. Perto do castelo, dentro da fortaleza edificou-se o palácio dos condes da Videira, sendo o seu primeiro titular D. Vasco da Gama.

A distância, no extinto convento, numa das capelas da Igreja de N. Sr. do Carmo, vulgarmente de N. Sr. das Relíquias, esteve depositada uma caixa com os anos do arrojado descobridor. Em 7 de Junho de 1880, foram transferidos para o panteão de Belém, onde repousam. Na mesma Igreja, da Videira, repousam muitos outros varões ilustres.

Com a retirada dos ossos do Gama, a vila ficou descontente.

Para compensá-la e minorar-lhe o desgosto, naquele mesmo dia 7, foi lançada a 1.ª pedra para a Escola «Vasco da Gama» ainda existente e em funcionamento.

* * *

Portel está em situação elevada, com esplêndidos, soberbos mesmos, pontos de vista, sobretudo para os lados e vizinhanças de Beja e Évora.

E' uma das vilas mais pitorescas do Alto Alentejo. Tem uma só

freguesia, Santa Maria da Alagoa, concelho e julgado. Pertence ao distrito e arcebispado de Évora,

A vila é muito antiga. Existia já, pelo menos, no tempo dos árabes, com o mesmo nome ou talvez com o de Marmelar.

D. Afonso III, em 1257, deu o sonho de Portel a D. João Peres de Aboim, e a seu filho D. Pedro Anes de Aboim, recompensando-lhes os serviços prestados nas guerras com os mouros de 1248 a 1250. A vila, parte em ruínas, estava então deserta e abandonada.

Eles a mandaram povoar.

Deram-lhe foral, assinado por D. João Peres de Aboim e sua mulher, D. Marinha Afonso.

D. Manuel I, em Santarém, a 1 de Junho de 1510, deu-lhe novo foral.

Teve a vila castelo e muralhas, estas talvez feitas por D. Denis.

D. Nuno Álvares Pereira, por mercê de D. João I, em 1385, foi senhor de Portel, que muito fez desenvolver e prosperar.

Fundou-se a nova igreja matriz. E os duques de Bragança, habitualmente em Vila Viçosa, mandaram construir um palácio no castelo, dentro da fortaleza, onde por vezes residiram.

Com a influencia dues, o trabalho e a boa vontade de outros a vila cresceu, progrediu a olhos vistos...

O 8.º duque de Bragança, D. João IV, retirou de Vila Viçosa.

Seguiram-se as guerras pela restauração da independência, durante 27 anos. A vila, pitoresca e próspera, decaiu.

O seu castelo, no ponto mais alto, está em ruínas.

Assente, como dissemos, num alto, tem perto o rio Degebe, afrente do Guadiana, a 12 quilómetros.

O terreno é fértil, cria muitos gados; tem minas de cobre e outros metais.

Parece ter estado abandonada pelos mouros desde 1170.

* * *

S. Manços, povoação situada num vale, na margem esquerda da Ribeira da Azambuja, fértil em ce-

Exames da 2.º grau

Homens Ilustres

David Livingstone

Conforme noticiámos, realizaram-se nesta vila os exames do 2.º grau, cujos resultados foram os seguintes:

Da escola Masculina de Campelo — Fernando Rodrigues Ribeiro, aprovado.

Escola dupla de Fontão Fundeiro — Maria de Jesus Ladeira e Henrique Simões, aprovados.

Escola dupla de Vilas de Pedro — Manuel Henriques Dias e Sesinando dos Santos Henriques, aprovados.

Escola dupla de Lomba da Casa — Alvaro Mendes da Silva, Cesário da Conceição e Valdemar Mendes Godinho, aprovados.

Escola dupla de Aguda — Alfredo dos Santos, Artur da Conceição Dias e Augusto da Silva Alegre, aprovados.

Escola dupla da Ponte de S. Simão — Alberto Jorge de Abreu, Flórido Cesar da Fonseca e Castro, aprovados.

Posto Escolar da Ribeira do Braz — Manuel Moreira Antunes, aprovado.

Escola masculina de Aregu — Emílio Borges Gomes, José da Conceição Silva e Manuel de Almeida Teixeira, aprovados.

Ficou reprovado um aluno.

Escola dupla da Jarda — Maria Emilia da Costa Quaresma Herdeira, aprovada.

Escola das Bairradas — Amândio Fernandes Pontes David, aprovado.

Escola de Aldeia de Ana de Aviz — Amorim da Conceição Vicente, aprovado.

Escola de Bairrão — Maria de Lourdes de Abreu e Silva, Alfredo da Conceição Santos Henriques e José Soares de Abreu Avelar, aprovados.

Escola feminina de Figueiró dos Vinhos — Cesaltina Amélia Martins Denis de Carvalho, Maria de Lourdes da Conceição Fonseca, Ester Antunes, Maria Angélica Gonçalves Agria e Maria Fernanda Quesada Ferreira, aprovadas; Ivone da Conceição e Isabel Maria de Sousa Rocha, distintas.

Escola masculina de Figueiró dos Vinhos — Adelina da Conceição Martins, Carlos Alberto da Costa Nunes Agria, Fernando Alves José, Aníbal da Silva Manata, António da Conceição Lopes, António Maria da Conceição, António da Piedade Pais, Augusto Lucinda dos Santos, Avelino Nunes da Silva, Carlos da Silva Araújo, João de Jesus Moreira, João da Silva Araújo, Joaquim da Conceição Francisco, José dos Anjos Medeiros, José Maria da Conceição, José Simões dos Santos, Manuel do Carmo Carvalho, Manuel Simões Telhada, Renato da Conceição Nogueira e Vasco da Conceição Silva, aprovados.

Ensino doméstico — Maria Alice David de Abreu, distinta.

Angelina Fernandes Godinho

Terminou, com 17 valores, a sua Licenciatura em Ciências Matemáticas, pela Universidade de Coimbra, a sr. a dr. Angelina Fernandes Godinho.

A nova Professora do Ensino Liceal é natural de Tomar e já tem residido por vezes neste concelho.

reais e abundante em gados que cria, é sede de freguesia orago S. Manços. Pertence ao concelho, comarca, distrito e arcebispado de Évora, a 19 quilómetros.

* * *

Ervora é uma grande e opulenta

cidade, antiga e moderna, trabalhadora, generosa, alívio e nobre.

A cidade de Sertório, dos ára-

bés, do Geraldo Geraldes, dos por-

tugueses, tem uma origem remota,

uma história grande! ..

* * *

«A monumental» foi fortificada.

Por fora das «muralhas afonsinas» tem uma estrada de circunvalação,

5 quilómetros, nada menos. Dentro de seus muros, donde pouco ainda saiu, tem ruas, largos, praças, avenidas;

boas casas, suntuosos prédios, arquitectónicos e belos palácios, ricos, muitos e sagrados tem-

ilos.

Teve uma Universidade, que foi extinta, possue uma das melhores bibliotecas públicas; mercados e feiras como poucas.

Foi capital do Alentejo, hoje, sem diminuir de importância e no conceito, é capital da província do Alto Alentejo.

(Continu.)

Revistas e Jornais

O Mundo Português

Saiu o n.º 79 desta útil Revista de Cultura e Propaganda, Arte e Literatura Coloniais, editado pela Agência Geral das Colónias. Insere colaboração de Américo Durão, João de Azevedo Coutinho, Hugo Rocha, Maria Archer, etc.

Vida Ribatejana

Acabamos de receber o magnífico número comemorativo dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal deste importante semanário que se publica em Vila Franca de Xira.

Contém numerosas fotografias e artigos de bela impressão, conseguindo transmitir-nos parte da alma do ribatejo — ao mesmo tempo que nos informa pormenoradamente acerca das múltiplas actividades da vida ribatejana.

Dr. Artur David

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. dr. Artur David, digno presidente da Câmara de Pedrógão Grande.

CORRESPONDENCIAS

Ponte sobre a ribeira de Péra no lugar do Gravito — A necessidade da sua construção

Faz em Dezembro trinta anos que saímos desta terra, nosso torrão natal, e ao cabo de tão desdoso tempo viemos encontrá-la tal qual a deixamos.

Lá longe, em terras d'Africa, várias vezes ouvimos dizer que a obra do Estado Novo tinha chegado a todos os recantos do país, o que até certo ponto verificámos ser verdadeiro ao percorrer alguns troços de estrada magnifica, porém constatamos com mágoa que este recanto continua, como até à nossa saída, votado ao ostracismo.

De quem a culpa? Não sabemos.

O que é um facto incontestável é que esta povoação necessita des de tempos remotos, de uma ponte que ligue entre si, pois está separada pela Ribeira de Péra que a corta ao meio e no inverno fica por vezes sem comunicação porque as encharcadas caudalosas da ribeira, arrastando grossos troncos e mesmo árvores inteiras que arranca nas suas margens levam uma pequena e tosca ponte construída todos anos a expensas dos habitantes da terra, a qual é construída por uma escada feita de um pinheiro rasgado a mao e por isso bastante flexível, necessitando os passageiros de fazer exercícios de equilíbrio pois já alguns caíram à ribeira.

Nunca por aqui passou uma via-tura automóvel porque, além de não haver estrada também teria de atravessar o leito da ribeira, onde com dificuldade só conseguem passar carros de tração animal na época estival porque na estação pluvial tem de dar a volta pela ponte do Mosteiro que dista alguns quilómetros desta povoação.

Impossível se torna, pois, a continuação deste estado de coisas tanto mais que a construção desta ponte será pouco dispendiosa pois há pedra com abundância no local e se forem necessárias madeiras também podem ser adquiridas no lugar.

Assim, esperam as gentes deste burgo e limitros que seja satisfeita esta verba e justa aspiração, de uma necessidade inadiável para facilitar as suas comunicações com Pedrógão e Figueiró, ouvindo solicitar das entidades competentes a sua melhor atenção para o assunto.

Gravito, 25 de Julho de 1940.

J. D.

Domingues

NOTA: No «Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra», último parágrafo da parte que se publicou no n.º 511 do nosso jornal, onde está «minhotos» deve ler-se berlão.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

João dos Reis Matos, Campelo

José dos Santos, Trepostos

Abílio Fernandes Machado

Lourenço Marques

João Henriques dos Santos, Arega

Albino dos Santos Telhada, Lourenço Marques

José Antunes, Lameirão

Falecimentos

No dia 24 do próximo passado mês de Julho faleceu nesta vila com 83 anos de idade a Sr.ª D. Guilhermina Monteiro.

A bondosa senhora era sogra dos srs. Armindo Nunes de Oliveira desta vila e António Joaquim Agria, do Bairrão, a quem enviamos os cartões de pesames e bem assim a suas esposas D. Alice Monteiro e D. Beatriz Monteiro.

Também faleceu em Lisboa, na próxima passada semana, o sr. Bernardo Simões de Almeida, agente da Polícia de Investigação Criminal.

Era irmão do nosso assinante sr. José Simões de Almeida, empregado superior do Banco Nacional Ultramarino em Loumabane, a quem apresentamos condolências.

AGRADECIMENTOS

Augusto Simões, Augusta Freire e sua mulher, António Simões e sua mulher, Preciosa da Conceição Ferreira, Abílio Simões, Rosária da Conceição, Maria Augusta da Conceição e António Simões, cumprim o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito chorada esposa, filha, nora, irmã e cunhada Albertina da Conceição Ferreira, de Aguda.

A todas as pessoas que a acompanharam à sua ultima morada e se interessaram durante a sua doença, o nosso reconhecimento.

— Augusto do Carmo Afonso, Elisa da Conceição Curado Afonso e Maria da Conceição Afonso, agradecem a todas as pessoas que de qualquer modo se interessaram pela sua chorada mãe, sogra e avó Maria do Carmo e bem assim agradecem a todos que a acompanharam à ultima morada.

Vende-se todo ou em talhões para construção

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira Cabaços-Coimbra, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde.

Propriedade toda murada num dos melhores bairros e mais saudáveis de Figueiró dos Vinhos; duas frentes uma com a estrada Nacional 48 metros frente lado nascente, outra com a estrada camarária 40 metros lado poente. Tem eira, terra de semeadura, vinha e arvores de fruto, mais de mil carros de pedra em paredes já construidas para grande garage, industria ou prédios.

Quem pretender, dirija-se a Jéronymo R. Pinhão

Aprendizas Recebem-se na oficina de bonecas da R. Dr. José Martinho Simões — Figueiró dos Vinhos.

Martinho Simões — Figueiró dos Vinhos.

3.2

EDITAL

O Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz público que, por despacho de Sua Ex.º o Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, datado de 2 do corrente mês, foi proibida a pesca de todas as espécies dar baixa de preços a todos os artigos do seu piscicolas, durante dois anos, na Ribeira de comércio. Alge e circunvisinhas.

A contravenção do expôsto implicará a aplicação das sanções legais, a pectivo procedimento Judicial.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume.

E eu, Polibio Fernandes das Neves, serpal, 23 de Julho de 1940.

O Presidente da Câmara

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Macãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão — Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

Chegada Partida

Pontão	8,30
Ancião	9,00
Pombal	16,00
Ancião	17,00
Pontão	650\$00

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,00
Pontão	7,50
Coimbra	9,30
Pontão	18,00
Alvaiázere	18,55
Cabaços	19,20

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra	16,30
Pontão	18,10
Alvaiázere	19,05
Cabaços	—

Chegada Partida

Cabaços	6,45
Alvaiázere	7,05
Pontão	8,00
Coimbra</td	

dos livros

Litoral a Oeste, contos de José Loureiro Botas, Livraria Portugália — Lisboa, 1940.

Novas Estrélas, versos de Mário Beirão, Livraria Portugália — Lisboa, 1940.

Paixão de Bonecos, sainete em 1 acto por Romualdo Figueiredo. Edição da Livraria Económica — Lisboa, 1940.

A literatura actual, ao contrário da que a precedeu, foge da vida dos salões para a dos campos e oficinas. Aos autores que descreviam, como numa náusea dourada, palácios e equipagens, assim como aos que se encerravam num quarto, a que chamavam pomposamente a sua «torre de marfim», sucedeu uma corrente de romancistas e poetas voltados para a rua e para o campo. O Brasil deu-nos um exemplo possante com Jorge Amado, Lins do Rêgo, Amado Fontes, Graciliano Ramos, etc. Entre nós, depois de Aquino Ribeiro e Ferreira de Castro, poucas foram as realizações deste género no romance e no conto. Mas veio Alves Redol, com *Gaiatos*; Manuel da Fonseca prometeu-nos um romance para breve, de que alguns extractos já publicados indicam que devemos esperar confiados a sua aparição. Mas tanto Alves Redol como Manuel da Fonseca são jovens de quem já antevíamos algo nos seus trabalhos vindos anteriormente a público.

Loureiro Botas, não. Não era conhecido. Não escrevia em jornais de destaque nos meios literários. Um dia, num sarau de arte realizado no Ateneu Comercial de Lisboa, para o qual fôr convidado pela respectiva direcção, ouvi pela primeira vez este nome, que fixei pela invulgaridade: José Loureiro Botas. Tinha sido premiado em primeiro lugar na secção *Cento dos Jogos Florais* do Ateneu. O juri entregou-lhe um diploma — mas o conto não foi lido em público e não pude, portanto, apreciar a justiça do juri nem o valor literário do autor.

Agora, a Livraria Portugália edita um livro, o primeiro, de Loureiro Botas: *Litoral a Oeste*. O título já promete alguma coisa. Abre-se o primeiro caderno: Um prefácio de Tomaz Ribeiro Colaço — um prefácio que não é um simples amontoado de palavras (ou de piadas à Palestreiras Semanais...) — mas sim uma bela introdução ao livro, em a vida trabalhosa do autor nos é dada com vigor: O exemplo do pai, velho pescador condecorado; a mãe, com oito filhos «ascendidos quase no mar». A carreira de José Loureiro Botas: um retrato no *Século* aos nove anos, por ter ficado distinto no exame; marcado numa loja da Marinha Grande e, depois, de Lisboa; em seguida 12 anos caixeiro numa casa, aproveitando a noite para estudar no Ateneu — até poder, à custa de trabalho, vencer na vida, com a inauguração de um estabelecimento seu, na arte com a publicação de um livro.

Reconheço que não é costume nas referências críticas falar deste modo dos autores das obras que nos são enviadas. Mas não pude resistir à tentação de o fazer: é que José Loureiro Botas não é um *menino bonito* que escreva por não ter mais que fazer, nem um imaginário que por três ou quatro visitas à praia quisesse conhecer a vida dos pescadores. Não! Desde o primeiro conto «A praga da Rita Rebócha» até ao último «A Leandra», sente-se a presença palpável dos pescadores. José Loureiro Botas não se conservou de forma alguma como espectador: pertence ao ambiente do livro — e se não o vemos também surgir a falar com a Ana Fafeixa ou com a T. Mari Rita, é porque assim não o entendeu. A sua presença não seria descabida.

Sob este ponto de vista não se pode exigir mais de um escritor, e, para mais, de um estreante. Haverá defeitos aqui e ali; podem algumas pessoas afirmar que Loureiro Botas não faz mais que fotografar o ambiente. Mas que interessa isso, se *Litoral a Oeste* é um livro que ressuma humanidade.

em todas as páginas, e José Loureiro Botas um exemplo a apontar aos homens de boa vontade?

Novas Estrélas é um livro de poemas de exaltação patriótica. Porem, ao contrario de certos poetas actuais, como por exemplo Miguel Torga e o falecido Fernando Pessoa, que adaptaram, em belos poemas, a evocação do passado à sensibilidade dos nossos dias, Mário Beirão continua preso às fórmulas poéticas tradicionais. Seja como for, tanto neste livro como em *Noite Escrava*, as duas únicas obras do autor que conhecemos, há uma grande facilidade criadora, traduzida por vezes em versos de ritmo notável.

Abrimos um parêntesis para falarmos, de uma maneira geral, no valor do ritmo e na felicidade de expressão na escrita poética. Até há pouco, a facilidade e o ritmo eram considerados os apanágios mais puros da verdadeira poesia. Um indivíduo tinha um grande poder de improvisação? Pois era logo considerado um grande poeta. O mesmo acontecia com os que revelavam um ritmo suave. Agora já não é bem assim: antes de tudo devemos atender ao equilíbrio entre a essência e o modo como se apresenta o pensamento, — de que resulta o ritmo *intrínseco* que o poeta põe nos seus escritos. Tomemos, por exemplo, um soneto do livro de que estamos falando, de título *As Tábuas do Navio*:

Quando, no mar, as noites, insofridas
Ondas reservem, num soberno ouíso
De negras maldições, — do meu navio
Gemem as velhas tábuas carcomidas:

Como dos ais que da bôca das feridas
Partem sangrado, em febre e desvario,
Eis se soltam e tornam o ar sombrio
Das velhas tábuas lástimas tranzidas!

Gemem as tábuas dos navios: queixas
De elegias, de fúnebres endechas,
Que andam ao vento, à perdição, à sorte...

Já se me cerra o olhar! (Que sonho lindo
Abre no escuro!) E eu adormeço, ouvindo
A música de câmara da Morte!

Neste soneto, como em qualquer poesia, temos a considerar duas espécies de ritmo: um, o *extrínseco*, que é dado pela rima e pela métrica como os acentos tónicos; outro, o *intrínseco*, depende da expressão da própria essência do pensamento poético — e é maior ou menor em cada poeta. O primeiro é atributo da forma; o segundo, da essência. Foi desta destrinça que nasceu a libertação formal da poesia moderna (Estas noções estão bastante espalhadas. Anotamo-las para os leitores que possivelmente ainda as não conhecem).

Novas Estrélas compreendem, além do *Pregão* de abertura e do *Epílogo*, seis cantos: *O Canto da Esperança*, *O Canto da Graça*, *O Canto do Amor de Perdição*, *O Canto da Paixão*, *O Canto do Além*, *O Canto da Certeza*. *Pregão* é bem uma síntese do livro. Diz o autor:

Eu falo pelas sombras do Passado...

e todo o livro é uma evocação das glórias passadas e um desejo de novos feitos — as *Novas Estrélas*. São portanto poemas cílicos, onde nem sempre se seguiu a ordem que se impunha. Por outro lado, as manifestações poéticas neste campo já nada nos dizem de novo. O passado já foi cantado por muitos homens ilustres, pelo que já não deve ser rebuscado dentro dos mesmos aspectos e sob a mesma forma poética porque o viriam esses poetas. Como obra poética, *Novas Estrélas* impõe-se. Como obra social, nada nos traz de novo por cair no mesmo plano daquelas realizações de que acabamos de falar. Por outro lado, há uma falta de sequência que faz com que o autor entremie poemas introspectivos com poemas em absoluto objectivistas e descriptivos.

Inquérito aos novos

- 1.) Qual deve ser a atitude do intelectual perante a multidão?
- 2.) A literatura brasileira é ou não susceptível de exercer alguma influência na portuguesa? Porque?
- 3.) Como concebe esteticamente a poesia social?
- 4.) O romancista deve documentar a obra pelo estudo social e observação dos costumes ou adivinhar intuitivamente o ambiente e as consequências?
- 5.) A cultura tem influência na felicidade social? De que modo?
- 6.) Como estabelecer e aplicar as relações entre a vida e a cultura?
- 7.) Qual é o papel da chamada Pequena Imprensa no que respeita ao problema da educação popular?
- 8.) Quais são os factores predominantes na formação da mentalidade infantil? Como corrigit-los?
- 9.) O conflito entre novos e velhos tem ou não fundamento?
- 10.) Que pensa da Arte Moderna?

RESPOSTA DE RAUL CASTRO

1.) O intelectual deve tratar problemas que digam respeito à multidão, porque ele pertence a essa multidão, e as suas anseias e inquietações confundem-se com as do povo. Deve abandonar preocupações interioristas para só tratar problemas gerais e necessários para uma evolução favorável à cultura e à vida.

2.) Só quem nunca leu Jorge Amado, Eurico Veríssimo, etc., pode contestar essa influência. A nova literatura brasileira tem carácter universal pelos problemas que fixa, e pela maneira como a faz. É a literatura da verdade, da realidade humana. A nossa literatura tem de ser forçosamente influenciada por ela, para termos uma literatura real e humana que é a única que representa inquietações de verdadeira cultura.

3.) Todas as manifestações intelectuais devem obedecer a uma directriz única: tratar problemas do homem. A poesia, como uma dessas manifestações, deve ser um grito espontâneo; se se detém em busca da rima e de palavras «academistas» perde todo o valor pela falta de sinceridade e verdade.

4.) Julgo que só pelo estudo social e observação dos costumes se produzirá um bom romance ou antes um romance, porque se o seu autor não for um observador dos costumes e um estudioso do meio em que vai vazar na sua obra, não produzirá sequer um romance. Tais são os exemplos dos srs. Antero de Figueiredo, Júlio Dantas e restantes académicos e desses inúmeros «romances de embalar». Felizmente também temos romances e bons romances portugueses como «A Selva», «Emigrantes» de Pereira de Castro, «Páscoa feliz», de José Rodrigues Miguéis.

5.) Tem, e primordial. Orientando os espíritos, aclarando-os, resolvendo problemas e apontando caminhos para resolver outros, unindo mais os homens. É bom notar que há pelo menos duas espécies de cultura: Una, que é pseudo-cultura, a das pessoas bem, temendo o contacto com tudo que seja «baixo», e preocupando-se sómente com problemas estritamente subjectivos e outra, buscando resolver os problemas de todos sem receio de ir até às massas incultas, numa palavra, uma cultura do homem para o homem.

Na minha opinião esta é que nos guiará dumha maneira segura para a ambicionada felicidade social.

6.) A cultura tem de ter como fim uma melhoria das condições de vida. Assim como a vida sem cultura é óia, também a cultura se dirige para a vida. As duas, cultura e vida, só se compreendem fortemente unidas e dependentes uma da outra.

7.) Não serão os grandes diários, com concursos e organizações cujo único fim é o lucro, que poderão levantar a nível mais elevado a educação popular. A Pequena Imprensa, cabe esse importante papel, quer pelo preço baixo do jornal (1.ª condição) e para ser lido pelo povo) quer pelo fim desinteressado que se propõe atingir. Nesse sentido já alguns jornais da província, principalmente inserindo páginas de cultura, bastante têm feito. Muito mais porém se poderá fazer ainda.

8.) A educação é sem dúvida o factor mais importante, ou melhor, o educador e o método que segue.

O ambiente tem também bastante influência.

Para corrigir estes factores urge terminar com os velhos métodos de educação, adoptando outros, mais humanos e mais compensadores e dar à criança bom ambiente educativo.

9.) Duas épocas, duas concepções. Os velhos viveram épocas diferentes da nossa, e custa-lhes adaptarem-se.

Duma melhor compreensão, creio que nascerá o fim desse lamentável conflito.

10.) A Arte Moderna tem de ser do século em que vivemos, embora isso custe aos «líricos» que se extasiaram perante os quadros que representam «o melancólico-pôr-do-sol», emotivos análogos.

A Arte da Vida, em que tudo seja focado e em especial o trabalho do homem, que é o mais belo motivo.

Penetração

(impressões de hospital)

Todas as vozes se apagaram.
Dos pátihos que circundam o meu quarto, a esta hora,
eu perscruto todos os gritos que ficaram sufocados
no negro ventre da noite...

E, da indigência, sobe, para a grande tortura
o mais alto silêncio, o mais angustiado:
— o silêncio da dor mendiga
que não pode gemer
para não perturbar o sono dos que pagam.

Belém, (Brasil) 1940.

Dulcinea Parcense

Aos Editores

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for enviado directamente um exemplar, independentemente das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para João Tendeiro — Figueiro dos Vinhos

João Tendeiro

Alvaro Ramos

Os novos escritores têm um grande momento para tratar. Que as penas se afiem para mostrar com clareza a angústia da Humanidade.